

Infelizmente, o tempo foi pouco para este trabalho de progressivo aprimoramento. Seja como for, a sua é uma obra que se impõe para o conhecimento de toda uma época.

Raimundo Antônio da Rocha Lima não viveu o pouco que lhe foi dado em vão. — JOÃO ALEXANDRE BARBOSA.



ALENCAR, JOSÉ DE — *O Sertanejo*. Romance Brasileiro. Introdução por João Alexandre Barbosa. São Paulo, Cultrix, 1969, 290 pp.

Dada sua popularidade entre o público médio, José de Alencar é, sem dúvida, dos escritores brasileiros mais editados. No entanto, nem sempre o estudante universitário ou de segundo ciclo pode contar com um texto fiel e, ao mesmo tempo, acessível, quando deve estudar apenas um ou alguns de seus romances.

A coleção "Obras Escolhidas de José Alencar", lançada pela Cultrix, tem, justamente, esse objetivo, cabendo a responsabilidade do texto a João Teixeira de Paula, autor também das notas que se seguem às explicações do próprio Alencar.

O volume recentemente lançado — *O Sertanejo* — abre-se com uma "Introdução" criteriosamente elaborada por João Alexandre Barbosa. Partindo da localização do romance na obra alencariana, relacionando-a com *Senhora*, livro do mesmo ano — 1875 —, o A. passa à análise da obra, enfocada sob dois pontos de vista, que levam à sua compreensão e interpretação global.

Segundo o A., *O Sertanejo* baseia-se, sobretudo, no apelo a um pacto inicial romancista/leitor, só a partir do qual poderá ser aceito, sem indagações ou restrições. Pois *O Sertanejo* é, antes de mais nada, "um mundo construído segundo a vontade do autor, no qual personagens e situações são distribuídos de acordo com esquemas fixados previamente — dividido o mundo em bons e maus, existindo aqueles que se ajustam e aqueles que contrariam a natureza." (p. 7) A partir daí o leitor teria, não o retrato do Brasil, mas sua imagem, refletida na obra quase como uma compensação à perda do mundo vivido pela criança, e que o adulto perdera, sobretudo nas desilusões de suas lutas políticas.

J.A.B. parte desse dado inicial, que analisa detidamente, pois é ele o responsável pelo segundo elemento fundamental da obra: o ângulo narrativo assumido pelo romancista ("a ótica do senhor"), que nos dará a chave para a compreensão de seu herói. Assim, por exemplo, é Arnaldo quem procura restaurar a ordem vigente e restituir o equilíbrio desse universo, sempre ameaçado pelas forças do Mal. E numa realidade social distante no tempo e no espaço daquela dos Romances de Cavalaria, o protagonista evoca, em sua peregrinação, o cavaleiro andante, "cujas proezas foram por muitos anos naqueles gerais o entretenimento dos vaqueiros nos longos serões passados ao relento durante as noites do inverno." (p. 286)

Os dois aspectos analisados com justeza por J.A.B. — a criação de um mundo da imaginação dominado pelo maravilhoso, mundo esse elaborado segundo uma perspectiva única e preponderante — é que nos levam à compreensão da estrutura do romance e, conseqüentemente, da própria estrutura desse universo particular, fixado com poesia e através de "uma ótica do passado" pelo romancista brasileiro. E a objetividade de João Alexandre não impede que se revele, no decorrer das próprias objeções a *O Sertanejo*, seu amor pela obra: também ele aceitou e foi envolvido pelo pacto inicial, que desvenda o mistério da criação de Alencar. — NEUSA PINSARD CACCESE.

